

# Maioria dos conselhos tem apenas uma mulher

Há evolução na diversidade, mas resultado ainda está abaixo do esperado por entidades como o IBGC

Por Juliana Schincariol — Do Rio

24/06/2022 05h02 · Atualizado há 6 horas





Reis, do BMA Advogados: “Os números ainda estão longe do que gostaríamos” — Foto: Silvia Zamboni/Valor

A maioria dos conselhos de administração no Brasil que possuem mulheres entre seus membros destinam apenas um assento às conselheiras, mostra um levantamento do BMA Advogados. Na última temporada de assembleias, houve eleição em 139 empresas. E em 104 delas houve a escolha de conselheiras.

O resultado ainda está abaixo do esperado, mas de alguma maneira apresenta evolução, diz a advogada Ana Paula Reis, sócia do BMA Advogados e responsável pelo estudo. “Os números ainda estão longe do que gostaríamos que fossem. Se tivermos ao menos duas mulheres por conselho, representará um avanço muito maior do que foi no passado”, afirma. Há uma pressão maior do mercado por mais diversidade e uma força-tarefa de entidades como o Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC) para a certificação de novas conselheiras, afirma.

Em um estudo separado, o escritório Moreira Menezes, Martins Advogados, apontou que nas companhias em que houve eleição para os conselhos de administração, as mulheres ocuparam cerca de 15% dos cargos, considerando Novo Mercado e Nível 1. No Nível 2, o percentual é de 14%.

No Brasil, a conselheira mais jovem é Louise Barsi, de 27 anos, que tem um assento no board da Eternit. A decana entre as mulheres é Maria Consuelo Dias Branco, da

M. Dias Branco. Aos 87 anos, a executiva preside o conselho de administração da fabricante de biscoitos e massas secas. De acordo com o BMA, a idade média nos três segmentos analisados é de 50 a 55 anos. A maioria delas está em empresas de consumo ou varejo (38,5%). Há assentos ocupados por mulheres em empresas de bens industriais (15,4%), água e energia e tecnologia da informação (9% cada), além de financeiro e saúde (7,7% cada) e materiais básicos (6,4%).

Das 115 conselheiras, 63 delas são independentes, considerando os três segmentos analisados. É o caso, por exemplo, de Magali Leite, que este ano foi eleita para o board da Terra Santa Propriedades Agrícolas. A executiva, que tem formação em finanças, também atua no conselho fiscal da Via. Leite é a única mulher entre os membros do conselho da empresa e dos diretores, o que também aconteceu quando ocupava um assento na Tecnisa.

O estudo do BMA aponta que essa não é uma situação isolada. Na maioria dos casos, considerando os três níveis de governança, os conselhos possuem apenas uma mulher entre seus membros. “Estamos falando de um grupo de mulheres pioneiras em muitas cadeiras de conselhos. Existem muitas formas e caminhos para se engajar. A maior possibilidade de sucesso vem com dedicação e preparação”, afirma Leite. As pautas de reuniões dos conselhos incluem cada vez mais temas relacionados à cibersegurança, corporate ventures, sustentabilidade e transformações tecnológicas, completa.

Segundo o levantamento do BMA, há dois conselhos de administração com a presença de quatro mulheres, o banco BMG e a Natura. Proporcionalmente, a representatividade feminina é maior na instituição financeira, já que o board tem nove membros, enquanto na Natura são 13. “Ter mais de uma mulher em um conselho se torna mais fácil porque deixamos de ser a única voz no canto da sala gritando por uma opinião específica. Acaba tendo maior ressonância”, diz Manuela Vaz Artigas, uma das conselheiras do BMG. Ela teve o mandato reconduzido na assembleia de 2022 do banco e também tem um assento na rede de farmácias Pague Menos.

Segundo a executiva, há um movimento corporativo por uma maior diversidade nos conselhos, seja racial, de gênero ou de ‘soft skills’ (habilidades comportamentais, ou competências subjetivas). A representatividade diminui a cada nível organizacional, aponta Artigas. Nos cargos mais baixos de uma empresa, em geral a distribuição

entre homens e mulheres tende a ser equânime. “Vejo uma necessidade dos conselhos se voltarem para a equidade das promoções”, diz ela.

O aumento gradativo da participação feminina nos últimos anos é inegável, mas é necessário ir além da inclusão de mais mulheres ocupando assentos para simplesmente cumprir o preenchimento de cotas, afirma a especialista em reputação e comunicação, Simone Monteiro. “Ainda há um longo caminho pela frente. A diversidade de formação é fundamental para que isso aconteça”, afirma.

Os critérios aderentes às práticas ambientais, sociais e de governança (ESG) tornaram-se ainda mais importantes desde o início da pandemia, em 2020. E os conselhos devem estar preparados para enfrentar uma nova realidade, em que práticas sustentáveis promovem a elevação do valor da empresa e de investimentos. “A diversidade é uma das chaves para conseguir alcançar esse alinhamento entre falar e fazer”, completa Monteiro.

---

## Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por **taboola**

---

LINK PATROCINADO

### Jardim Lobato - Studios de 38m<sup>2</sup>

GAMARO INCORPORADORA

LINK PATROCINADO

### Fernanda Souza perdeu tanto peso que está quase irreconhecível

WHAT THE FACTS

Leia mais

LINK PATROCINADO

### Jardim Lobato - Aptos residenciais 75 a 202m<sup>2</sup>

GAMARO INCORPORADORA

LINK PATROCINADO

### Fungos nas unhas? Trate gastando pouco.

NAIL CURE

LINK PATROCINADO

### Confira as fotos bizarras de como os vikings realmente eram

TOTAL PAST